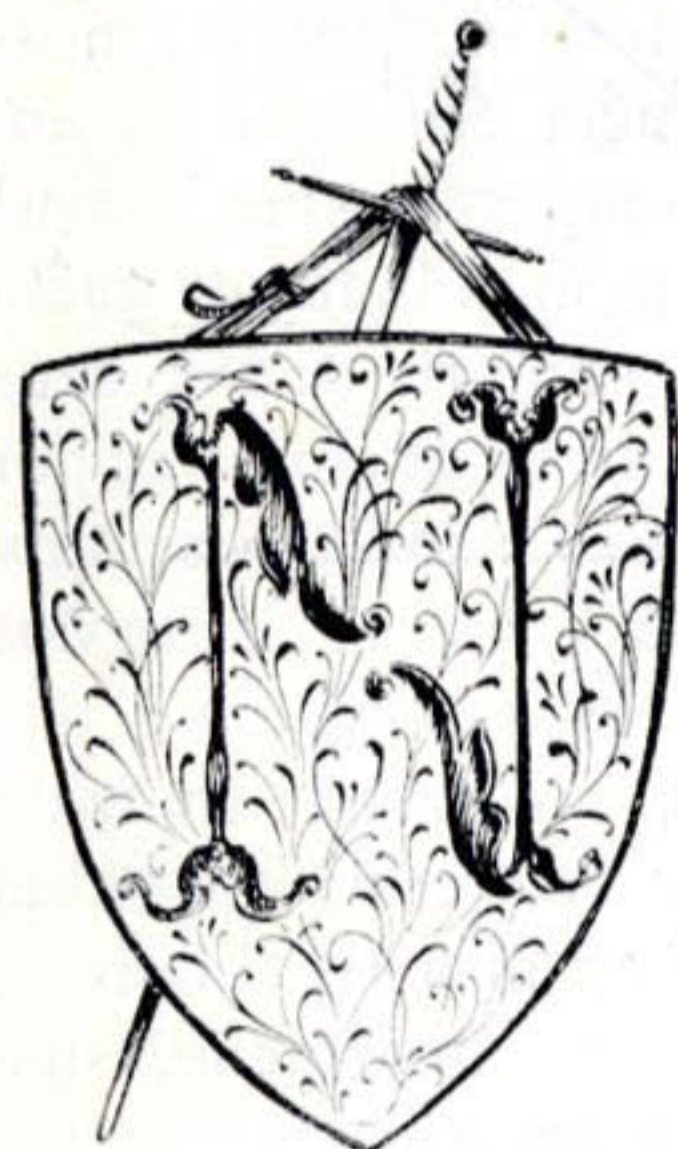


NUN'ÁLVARES NO PORTO



I

un'Álvares esteve muitas vezes no Porto e teve mais ligações com a nossa cidade do que à primeira vista se pode imaginar.

Alguns anos antes de começar a sua vida heroica e santa de aventuras e perigos em defesa da independência da Pátria, já o Porto o deve ter visto por mais de uma vez dentro dos seus muros, pouco tempo antes acabados de construir.

Tenho quase a certeza disso!

E digo já porquê.

Nun'Álvares casara, por ordem do pai, por volta dos dezassete anos, com D. Leonor de Alvim, senhora nobilíssima, de rara beleza e de excelsas virtudes, abastada em rendas e cabedal. Essa dama ilustre vivia no Entre-Douro-e-Minho, onde nasceu. Sua mãe, D. Branca Coelho, era filha de D. Maria Mendes Petite, «de esclarecida linhagem, cuja remota origem francesa se descobre no seu apelido que é também o de certo cavaleiro borgonhês, companheiro de armas do Conde D. Henrique, que se fixara em Portugal» (segundo escreve o meu ilustre amigo Conde de Campo-Bello).

Ora Nun'Álvares, depois de casado, viera viver para o Entre-Douro-e-Minho. Durante cinco anos (de 1377 a 1383) habitara na «quinta de Santa Marinha de Pedrassa, solar de D. Leonor, em Cabeceiras, meia légua acima de Basto, no pendor dos montes que baixam sobre o Tâmega» (Oliv. Miz.).

Por outro lado, é muito natural que D. Leonor de Alvim, sendo neta, como há pouco lembrei, de D. Maria Mendes Petite, e tendo sido esta piedosa fidalga a fundadora do *Mosteiro de Corpus Christi*, de Vila Nova de Gaia (onde falecera e fora sepultada em 1355, ou pouco antes), é muito natural, dizia eu, que D. Leonor de Alvim alguma vez tivesse

vindo visitar esse convento, ao qual tanto queria e onde se sabe que, mais tarde, alguns anos residiu, como veremos.

Julgo, pois, extremamente provável que Nun'Álvares, tendo vindo do sul para Cabeceiras em 1377, e tendo vivido ali durante cinco anos, mais de uma vez tivesse passado no Porto, antes de se tornar o *Aquiles Lusitano*, antes de ser o excelso *Herói Nacional!*

Sabe-se que entre 1377 e fins de 1383 — ano em que saiu definitivamente da sua quinta de Santa Marinha de Pedrassa —, ele foi ao sul e voltou, pelo menos três vezes: em 1378 ou 79, quando lhe morreu o pai na Amieira e ele foi assistir-lhe ao funeral; em Abril de 1383, quando foi a Elvas assistir às bodas de D. Beatriz com el-rei de Castela; em Outubro ou Novembro desse mesmo ano, quando foi a Lisboa para assistir às exéquias por alma de el-rei D. Fernando.

No entanto, a primeira referência expressa que



«... convocou «todos os melhores da cidade e os mareantes»—...»

encontrei nas Crónicas, a Nun'Álvares, relacionada com o Porto, diz respeito ao ano de 1384.

Depois da batalha de Atoleiros, pelejada em Abril daquele ano, o Mestre de Avis, cercado na capital e vendo que tardava a regressar ao Tejo a frota que mandara ao Porto em busca de socorros, escreveu a Nun'Álvares, pedindo-lhe «que juntasse suas gentes» e viesse a esta nossa cidade, «embarcar na frota» que aqui se estava a aparelhar, e fosse nela para pelejar com a de Castela, que já então se encontrava em frente de Lisboa.

Nun'Álvares estava então em Évora. Despachou logo mensageiros, que a toda a pressa vieram trazer cartas a seu tio Rui Pereira e aos outros fidalgos da armada, pedindo-lhes que esperassem por ele; e partiu com cerca de duzentos homens de armas, em marchas forçadas, caminho do norte. Porém, ao chegar a Coimbra, soube com espanto que a frota já tinha partido do Porto e se encontrava em Buarcos. Outra vez escreveu aos capitães dela, rogando-lhes que não partissem sem ele chegar, pois viera do Alentejo para embarcar nesses navios!

Mas os velhos capitães da expedição, que começavam já a ter ciúmes, ao que se dizia, do jovem camarada, fizeram como da primeira vez: deram-se pressa em levantar âncora e não esperaram por Nun'Álvares.

Este não gostou da feia acção, mas limitou-se a dizer:— «Que Deus os não castigue pelo que me fizeram, e que os guie a salvamento!»

Voltou, por terra para o sul, e, sempre incansável e sempre vitorioso, não perdeu por lá o seu tempo. Os meses foram passando. Em 3 de Setembro desse ano de 1384, D. João de Castela, assediado pela peste, e tendo desistido de conquistar Lisboa, começou a fazer retirar as suas tropas — e regressou ao seu reino, disposto a voltar em breve!

Fosse como fosse, o Céu continuava a proteger os portugueses.

Mas não tínhamos ainda rei natural! E era urgente eleger um, que constituísse a garantia da independência da Pátria.

As Cortes foram convocadas para Coimbra, e no dia 6 de Abril de 1385, foi por elas aclamado rei de Portugal, o Mestre de Avis! Se o dr. João das Regras muito contribuiu para essa escolha com a sua arguta dialéctica jurídica, não menos contribuiu para ela Nun'Álvares Pereira, com a sua decisão e o seu prestígio. Porque determinado fidalgo se estivesse mostrando muito contrário à eleição do Mestre, Nun'Álvares chegara a dizer ao futuro D. João I:— *Senhor, se vós quiserdes eu vos despacharei bem prestes do estorvo desse roncador!* Por fim, o Mestre de Avis foi eleito, e Nun'Álvares comentou:— *Desta vez, meu senhor o Mestre será rei a prazer de Deus, e a pesar de quem pesar!*

Aclamado D. João I, entendeu este ser necessá-

rio nomear um *Condestável*, para a guerra, da mesma forma que o fizera D. Fernando, quando em seu tempo vieram os ingleses auxiliar-nos contra Castela.

Quem melhor poderia ocupar esse posto que «o seu mui leal e fiel servidor Nun'Álvares Pereira»?! Embora nesse tempo ele contasse apenas vinte e quatro anos, nove meses e doze dias, as suas provas já estavam dadas!

«Como a estrela da manhã», diz Fernão Lopes, o grande Condestável era ilustre «na sua geração, sendo de honesta vida e honrosos feitos, no qual parecia que reluziam os avisados costumes dos antigos e grandes barões». Piedoso e devoto como nenhum, em «seus jeitos e defesa na guerra, mostrava tal autoridade que ninguém era ousado, andando em sua companhia, de empecer mais a seus inimigos do que lhe[s] por ele era mandado; de guisa que cada um se dispunha a cumprir todos seus preceitos, nem lhe[s] convinha de os quebrantar por coisa que fosse». E, finalmente: nele «sempre morava uma discreta mansidão, que é ama dos bons costumes». Mas continuemos...

Havia rei português e havia um grande chefe do exército. Porém, Castela não desarmara, e em nosso reino ainda setenta e uma praças, cidades e vilas, com milhares de homens de guarnição, sustentavam o partido do rei estrangeiro!

«Ao norte do Douro só o Porto reconhecia o eleito das cortes de Coimbra» (F. de Almeida), e chegavam alarmantes notícias de que uma grande armada inimiga se estava aprontando para voltar ao Tejo. Por isso, enquanto D. João I permanecia em Coimbra, resolvendo importantes assuntos políticos e de administração, Nun'Álvares partia para esta nossa cidade:— é esta a primeira vez que as crónicas falam expressamente da estada de Nun'Álvares no Porto.

Quando o Condestável chegou ao pequeno burgo que era há 650 anos esta grande cidade, teve a grata surpresa de aqui encontrar sua mulher D. Leonor Alvim e sua filha D. Beatriz; tinham vindo pouco antes de Guimarães, que se encontrava com voz por Castela, e de onde só então haviam podido escapar-se furtivamente...

Onde estariam hospedadas a mulher e a filha de Nun'Álvares? Nalguma casa situada adentro das muralhas urbanas? É pouco natural, porque a isso se opunham os privilégios do Concelho. Não se teriam alojado nalgum convento, como era costume, e nomeadamente no Mosteiro de Corpus Christi, de Vila Nova de Gaia, onde se hospedaram mais tarde, e a que tantas relações sentimentais ligavam D. Leonor?

Nada consta a tal respeito dos documentos conhecidos, e Fernão Lopes não o diz. Mas o que este diz, e é bem de crer, é que Nun'Álvares teve uma enorme alegria ao poder abraçar de novo sua mulher e sua filha, a quem já não via desde que



«... a um lugar da Ordem do Esprital, que chamam Leça, ...»

princiara a sua vida heroica dos campos de batalha.

Ficou mui ledo, diz Fernão Lopes, mas, «com toda sua ledice, não lhe esqueceu o que lhe el-rei mandava fazer» ao Porto.

Por isso, sem demora, convocou «todolos melhores da cidade e os mareantes» — pois destes é de quem mais precisava.

Infelizmente, não posso dizer onde se realizou a reunião. Porém, talvez não me engane muito supondo que tivesse sido feita no adro do Convento de S. Domingos, pois era aí que geralmente se juntava o Concelho, quando convocado!

Nun'Álvares disse então que uma grande frota castelhana se estava preparando para vir atacar Lisboa. Ele pretendia ir acometer no mar o inimigo. Precisava não só de gente e de dinheiro, mas também de navios. Poderia fornecê-los o Porto?

Embora no nosso rio Douro se fabricassem então, como afirma Fernão Lopes noutra lugar, «muitas e boas naus e outros navios», no momento era impossível organizar assim de repente uma frota que se pudesse ir medir com a forte armada castelhana. Havia, porém, homens e dinheiro. Deles dispusesse o Condestável à sua inteira vontade.

Nun'Álvares decerto convenceu-se de que o seu pedido, quanto a barcos, era inexequível — e não insistiu.

Aceitou porém dinheiro e soldados, e na impossibilidade de ir guerrear o inimigo por mar, resolveu continuar imediatamente a combatê-lo em terra.

Dias depois, fez juntar, no Mosteiro de S. Domingos — di-lo agora expressamente o cronista — a maior parte dos homens de armas que consigo trouxera, e anunciou-lhes que em breve iam partir para o norte. Preparassem as armas, e preparassem as almas. Que todos se confessassem e não mantivessem malquerenças uns com os outros.

E acrescentou: — «Por isto vos ajudará Deus muito mais, e vos fará vencedores de vossos inimigos; sede bem certos que, se desta guisa fordes, ainda que venham contra nós mil lanças, ou duas mil, ou ainda todo o poder de Castela, nós, sem receio, e tendo confiança em Deus, poderemos pelejar com eles!». E a vitória será nossa!

Alguns dias volvidos, Nun'Álvares despedia-se de D. Leonor de Alvim e de sua pequenina filha, D. Beatriz, e metia-se ao caminho para o norte.

Escreve o cronista: — «E de feito partiu logo um dia, depois de comer, para [ir] dormir a um lugar da Ordem do Esprital, que chamam Leça [Leça do Balio], levando consigo 150 escudeiros, encavalgados, e mais não. E todolos outros iam armados mas a pé. E indo já fora da cidade seu caminho, sua azémola de cama [o macho que lhe levava a bagagem] seguia atrás de toda a gente. E saindo per hũa porta da cidade, que chamam Olival [ou seja, no lugar da Cordoaria actual] por onde o Condestabre saíra, a azémola com a cama caiu morta em terra, o que todalas gentes houveram por maravilha e grande sinal» de mau agouro.

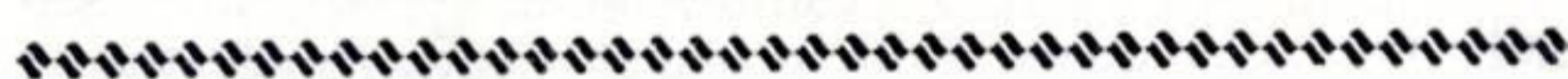
Foram dizê-lo ao Condestável, e pedir-lhe que voltasse para trás. Ele, superior a tolas superstições, «mandou que pusessem a cama em outra besta e que se fossem após ele». E, indiferente, prosseguiu na sua marcha, indo dormir sossegadamente a Leça do Balio naquela noite.

Deixemo-lo seguir para a sua triunfal campanha do Minho e regressemos ao Porto.

No próximo mês veremos o que mais lhe aconteceu.

A. DE MAGALHÃES BASTO.

Desenhos por Melo Júnior.



■ É sempre com satisfação que noticiamos o acréscimo do Arquivo da revista com novos elementos, devidos à amabilidade de nossos leitores, generosamente interessados em cooperar na missão divulgadora a que nos entregamos.

Desta feita, temos a registar, e, é claro, com o nosso reconhecimento, a recepção das seguintes espécies:

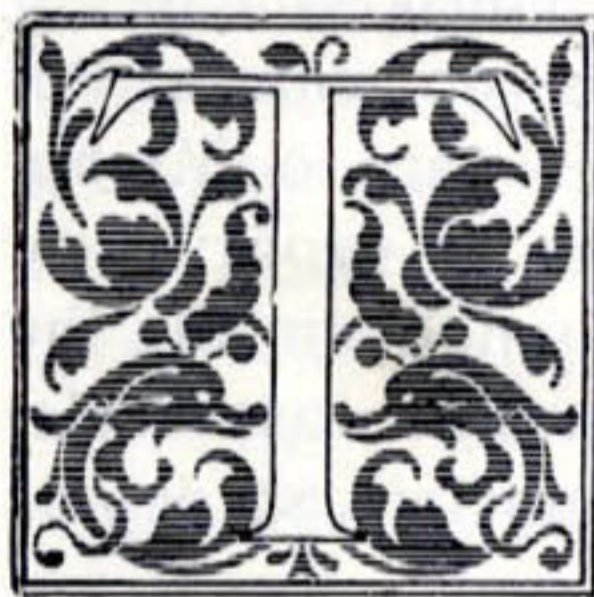
— Do sr. Aires Gomes, de Vila do Conde, doze reproduções fotográficas de antigos postais ilustrados com aspectos do Porto e seus monumentos;

— Do sr. Augusto Coimbra Pacheco, fotografia dum aspecto central da cidade, hoje completamente transformado.

— Do sr. Manuel Alves de Azevedo, três provas fotográficas do Porto pitoresco.

NUN'ÁLVARES NO PORTO

II



alvez se lembrem de que deixamos Nun'Álvares no Mosteiro de Leça do Balio. Ora foi ali que ele passou aquela noite; na manhã imediata seguiu para o Minho. Por lá andava ainda — guerreando e apoderando-se de cidades e vilas que estavam com voz de Castela — quando D. João I, pouco antes aclamado rei nas Côrtes de Coimbra (Abril de 1385), entrou nesta sua mui nobre e leal cidade do Porto.

Vale a pena ler em Fernão Lopes as páginas admiráveis e vivas em que este descreve a recepção feita ao rei: — as ruas, desde a *porta de Miragaia até aos paços onde ele havia de pousar* (possivelmente a casa em que a tradição diz ter nascido, anos depois, o Infante D. Henrique), todas essas ruas transformadas em «estradas de ramos e flores», e previdentemente perfumadas «com defumaduras de cheiros; o rio apinhado de naus e batéis apendoados e enramados, e o rei a pé, por entre a multidão!» «A gente era tanta pelas ruas pelo ver (conta o insigne cronista)... era tanta... que parecia que se queriam afogar; e as donas, que estavam à janela, falavam altamente, que o *mantivesse Deus muitos anos e bons, e que muita fosse sua vida e boa, e outras tais razões*. E em dizendo isto, lançavam de cima muitas rosas e flores, milho e trigo, e outras coisas. A qual festa, e recebimento desta guisa feito, demovia muitas donas a regar suas formosas faces com doces e aprazíveis lágrimas!»

D. João I foi, como se vê, recebido no Porto com lágrimas de alegria. Diga-se, em sua honra, que

ele soube ser grato ao amor que o Porto lhe votou. Foi por essa data que D. João I, em atenção aos *assinalados serviços* que o Porto lhe prestara já, lhe entregou «os julgados de Bouças, da Maia, e de Gaia, dando-lhe por termo Penafiel e Vila Nova, a quem mais tarde obrigou a concorrer para os encargos do concelho do Porto. Não houve isenção ou doações, arrancadas pelos nobres, que fizessem a D. João I cassar os direitos outorgados à cidade do Porto; o próprio Nun'Álvares, que pleiteou contra a cidade a jurisdição de Bouças, viu-se dela desapossado [por sentença], sendo [ainda] condenado nas custas! A cidade pôde mais do que o poderoso condestabre» (R. Jorge).



D. João I no Porto

Pouco tempo depois de chegar ao Porto, D. João I partiu para o norte, onde foi coadjuvar a campanha em que Nun'Álvares por lá andava empenhado.

Mas não tardou a constar que o exército castelhano se movia para invadir de novo Portugal, — pelo Alentejo segundo a princípio se dizia.

«Em face de tão grave ameaça, que denunciava dias terríveis, e horas trágicas de incerteza», D. João I resolveu regressar ao centro do país, «encarregando Nun'Álvares Pereira de ir ao Alentejo, afim de alistar gente naquela província, — o maior número possível de soldados» (M. Viana).

Nun'Álvares e o Mestre de Avis vieram juntos, de Guimarães para o Porto; e, juntos, daqui seguiram para o sul.

A batalha de Aljubarrota travou-se no memorável dia 14 de Agosto desse mesmo ano de 1385.

*Deu sinal a trombeta castelhana,
Horrendo, fero, ingente e temeroso
.....
E as mães, que o som terrível escuitaram.
Aos peitos os filhinhos apertaram.*

Mas Portugal, mais uma vez, saiu triunfante! O génio guerreiro de Nun'Álvares e a sua Fé tornaram possível o Milagre!

Na famosa batalha portou-se brilhantemente um grupo de rapazes, que a si mesmo haviam dado o nome de *Ala dos Namorados*. O porta-bandeira, o alferes desses jovens cavaleiros, chamava-se Alvareanes Cernache, — era daqui de Gaia, e os seus restos mortais conservam-se na igreja do antigo *Mosteiro de Corpus Christi*.

Tinham decorrido os restantes meses do ano de 1385 e todo o ano de 1386, quando Nun'Álvares Pereira, cada vez mais célebre em Portugal e mais temido em Castela, voltou de novo ao Porto; já então ele havia escrito na nossa história, com a ponta da sua espada de ouro, a página épica e admirável da batalha de Valverde!

Foi em Fevereiro de 1387 que Nun'Álvares Pereira voltou ao Porto, por ocasião do casamento de D. João I, com a virtuosa D. Filipa, filha do inglês duque de Lencastre — cerimónia celebrada aqui na Sé, como de todos é bem sabido.

D. Filipa fora mandada, da Galiza para esta cidade, por seu pai, na companhia do arcebispo de Braga, D. Lourenço, Vicente da Lourinhã, Vasco Martins de Melo, o velho, João Rodrigues de Sá, camareiro-mor de el-rei, e de numerosos fidalgos portugueses e ingleses entre os quais João Holland, conde de Kent, sobrinho do duque de Lencastre e irmão de Ricardo II, soberano então reinante em Inglaterra; Tomás Percy, lord-almirante; Ricardo Burley, lord-marechal; etc..

Acompanhada por essa brilhante e nobre comitiva, a gentilíssima noiva de D. João I entrou no Porto pela porta do Olival (ali na Cordoaria), e

saudada pelos repiques festivos dos sinos, pelos vivas da multidão, e debaixo duma chuva de flores, dirigiu-se para o Paço dos Bispos, junto à Sé, onde ficou hospedada.

Mal D. João I, que estava no Alentejo, soube que D. Filipa chegara ao Porto, «partiu imediatamente de Évora [...] trazendo na sua companhia o condestável D. Nuno Álvares Pereira». Chegaram, quase sem ser esperados, ao cair duma noite e foram hospedar-se no Convento de S. Francisco.

«Na manhã do dia seguinte dirigiu-se o monarca ao paço episcopal a fazer a sua primeira visita à princesa. Não houve aparato nesta cerimónia. Além do condestável D. Nuno Álvares Pereira, poucos fidalgos acompanharam el-rei».

Nessa tarde os noivos trocaram prendas, e durante alguns dias D. João I conservou-se no Porto tratando dos preparativos do casamento. Mas a certa altura teve de partir para o Minho, e por lá andava tão entretido com os negócios de guerra, que ficou surpreendido quando um dia lhe disseram que, se no dia seguinte não fosse celebrada a cerimónia das bênçãos nupciais, só depois da Páscoa poderia ser realizada.

D. João I então voa para o Porto; sai de Guimarães de noite. Chega ao Porto ao nascer do sol. «Era um sábado, 2 de Fevereiro de 1387, dia em que a igreja celebra a festa da Purificação da Virgem Maria». Vai direito ao Convento de S. Francisco mudar de fato; meia hora volvida, estava na Sé. Pouco depois entrava D. Filipa. Sobem à capela-mor. Ajoelham aos pés do bispo do Porto, D. João, e este lança-lhes «a bênção, segundo as práticas usuais». Encontravam-se presentes muitos fidalgos e muito povo. Nun'Álvares também devia ter assistido. Pronto! O casamento estava realizado! Mas a noiva recolheu ao paço episcopal; por seu lado o noivo recolheu ao Convento de S. Francisco, donde logo nessa manhã escreveu às cidades e vilas do reino, aos bispos e aos principais representantes da nobreza a participar que tinha contraído matrimónio com a princesa D. Filipa de Lencastre, e que tencionando *fazer as suas bodas e tomar casa* da quinta-feira seguinte a oito dias, folgaria de que as pessoas, a quem escrevia, viessem assistir, podendo, a essas festas. Até lá D. João I ficou hospedado em S. Francisco, D. Filipa no paço episcopal.

Conta Fernão Lopes:

— «Não embargando que os dias fossem breves [isto é, que houvesse pouco tempo] para ordenar de fazer tamanha festa [...] encomendou el-rei a certos de sua casa e aos oficiais da cidade, encargo que cada um desto tivesse; e com grande diligência e sentido tinham todos o cuidado do que lhe el-rei encomendara, uns fazer praças [abrir largos] e desempachar as ruas *per ú* aviam de andar as gentes, e outros de fazer jogos e trebelhos e matinadas de noute. E fizeram mui à pressa uma grã praça, entre S. Domingos e a rua do Souto, que eram tudo hortas», formando aí um vasto campo para as justas

e torneios. «As principais ruas per ú esta festa havia de ser todas eram semeadas de desvairadas verduras e cheiros.»

Como há pouco disse, a *Boda* fora marcada para a quinta-feira, 14 de Fevereiro de 1387.

Na véspera, D. João I deixou o Convento de S. Francisco e foi dormir ao paço episcopal, mas em quarto separado do da rainha.

Na manhã do dia seguinte «el-rei saiu daqueles paços em cima de um cavalo branco, em panos de ouro, realmente vestido; e a rainha em outro tal, mui nobremente *goarnida*. Levavam nas cabeças coroas de ouro, ricamente obradas de pedras e aljófares de grande preço; não indo arredados um do outro, mas ambos a igual». O arcebispo de Braga conduzia pela rédea o cavalo da rainha.

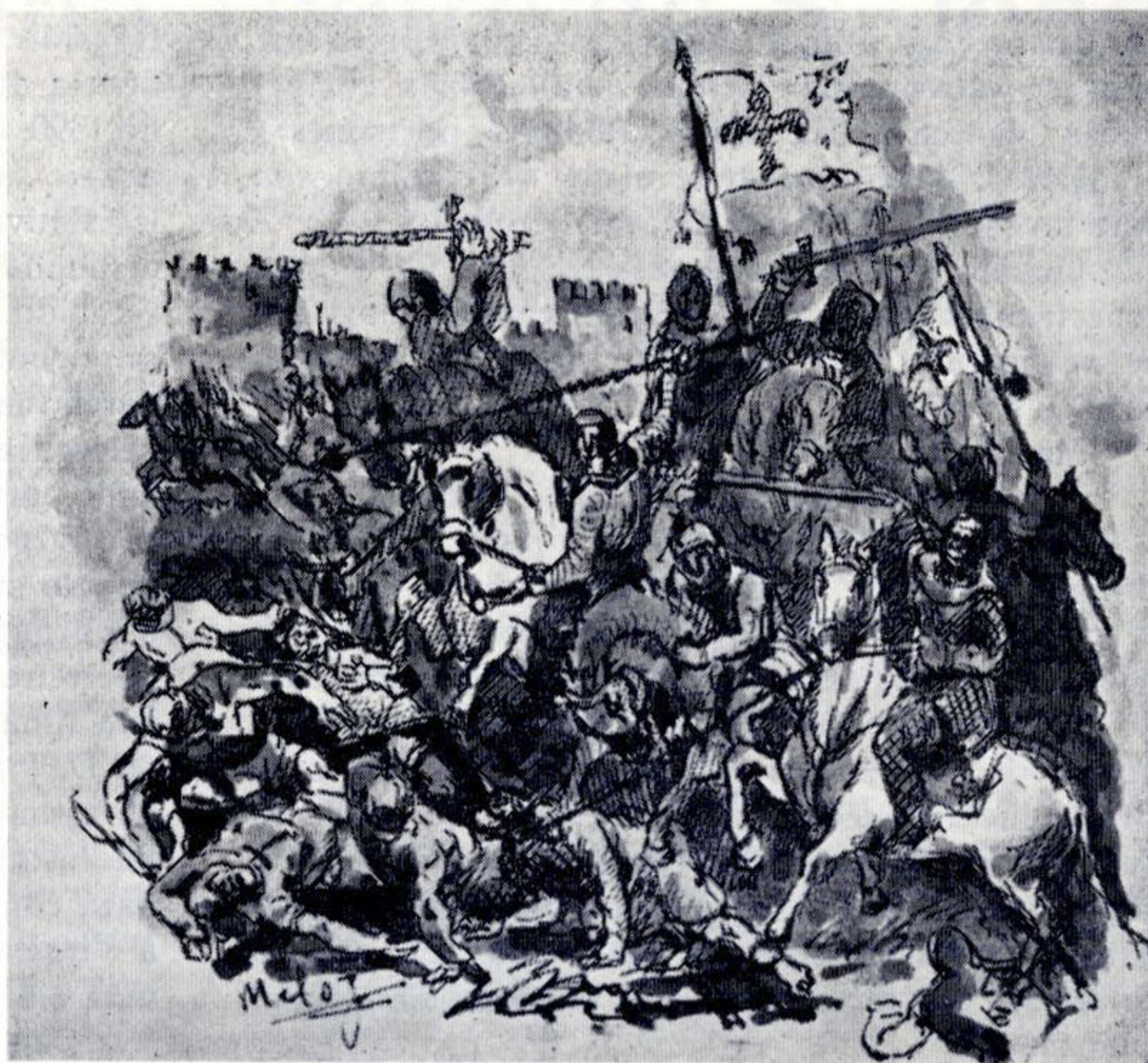
À frente dos noivos ía uma grande quantidade de trombetas, charamelas, atabales e sacabuxas; atrás, muitas raparigas fidalgas e burguesas, com ramos de flores nas mãos, cantando em «harmonioso concerto» — «*como é costume nas vodas*», — diz Fernão Lopes. Os convidados iam todos a pé; entre eles, é claro, na primeira fila iria Nun'Álvares Pereira, talvez encarregado de reger a cerimónia. «Mas a gente era tanta (diz o cronista) que se não podiam reger nem ordenar, por o espaço ser pouco dos paços à igreja. E assi chegaram à porta da Sé, que era dali mui perto, onde» o bispo do Porto, revestido de pontifical e acompanhado da sua clerezia, já esperava os noivos.

Na Sé foi celebrado *Te-Deum Laudamus*, houve sermão, e acabado o officio «tornaram el-rei e a rainha aos paços donde partiram, com semelhante festa» (isto é, com idênticas cerimónias).

«Passava alguma coisa das onze horas da manhã. Ia servir-se o banquete real».

Segundo refere Vilhena Barbosa baseado em crónicas inglesas — de duas salas do velho palácio dos bispos, fizera-se um amplo salão. No topo deste, estava a mesa exclusivamente destinada ao rei e à rainha e a mais quatro pessoas do séquito real — coberta «por um docel de damasco carmesim. Ao comprimento da sala, de um e outro lado, próximo das paredes, haviam sido dispostas outras mesas para os convidados, que eram numerosos, pois» deles faziam parte vários «cidadãos com suas esposas, da burguesia da cidade».

D. Nuno Álvares Pereira, conde de Ourem e condestável de Portugal, que D. João I nomeara *Mestre-Sala da Boda*, presidia a tudo — para que tudo corresse com a devida majestade. E saiu-se bem, porque a festa foi magnífica, em dignidade, em riqueza, em iguarias e manjares!



«Na famosa batalha portou-se brilhantemente um grupo de rapazes, ...»

Para distracção dos convivas, enquanto o banquete, durante longas horas, foi servido, exibiram-se no espaço central da sala, «que as mesas deixavam livre, variadas diversões, dessas que actualmente vemos executadas pelos palhaços» e artistas de circo.

Acabado o banquete, diz Fernão Lopes, «alçaram-se todos [levantaram-se todos], e começaram de dançar, e as donas em seu bando, cantando a redor com grande prazer». E tudo dansou, fidalgos e burgueses... «El-rei e a rainha assistiram ao baile por espaço de meia hora, retirando-se em seguida cada um para a sua camara [para o seu quarto] enquanto os convivas continuavam a dansar».

Ao cair da noite houve a ceia, e no fim a cerimónia da bênção do leito nupcial — a qual bênção foi lançada pelo arcebispo de Braga, acompanhado «pelos outros prelados, com muitas tochas acesas». «E ficando el-rei com sua mulher — conclui Fernão Lopes — foram-se os outros para suas pousadas».

Nun'Álvares, que tantas provas dera já do seu génio guerreiro, acabara de mostrar ser também um emérito mestre-sala para as cerimónias da Corte...

Durante os quinze dias seguintes realizaram-se no Porto grandes festas: as primeiras grandes *Festas da Cidade*. Nas ruas e praças, o povo assistiu entusiasmado aos saltos e momices dos pelotiqueiros, cantou e bailou. À noite iluminavam-se as casas, acendiam-se fogueiras, desfilavam ranchos empunhando fogarêus.

A parte elegante de todos estes festejos foi constituída, porém, pelas justas e torneios que se realizaram durante esses dias na improvisada liça

do campo do Souto. Entre as «quadrilhas que mais se estremaram» nessas gentilíssimas competições de cavalaria entre fidalgos portugueses e ingleses, deve nomear-se a que era capitaneada pelo invencível D. Nuno Álvares Pereira!

Quanto daríamos nós para ter assistido a esses espectáculos desportivos, a esses campeonatos que se realizaram aqui no Porto há mais de cinco séculos e meio!

Mas continuemos.

Deixemos passar mais de ano e meio.

Em fins de 1388, D. João I reúne cortes em Braga, e manda a Nun'Álvares que a elas vá. O condestável que estava no Alentejo, sempre a guerrear os castelhanos, acorreu ao chamamento do seu rei. Mas um grande desgosto o esperava no norte: «E estando así o condestabre nas cortes de Braga, lhe veio recado do Porto, — onde a condessa sua mulher estava — que era morta! E logo se o conde partiu para lá; e com ele muitos cavaleiros e escudeiros, e fez fazer suas exéquias à condessa, e a fez soterrar mui honradamente como cumpria».

A isto, que dizem a Crónica do Condestabre e a de D. João I, acrescentarei que D. Leonor de Alvim foi sepultada, por sua expressa vontade, na igreja do Mosteiro de *Corpus Christi*, como o tinha sido sua avó materna, fundadora do mesmo Mosteiro.

Tenho conhecimento de que ainda mais uma vez Nun'Álvares esteve no Porto, e por sinal num momento muito sério de crise política, que podia

ter sido de graves consequências para a independência de Portugal. Passou-se o caso aí por volta de 1390, quando D. João I desgostou profundamente aquele seu grande e leal servidor com as medidas legislativas que publicara contra os fidalgos que dispunham de terras que da sua real mão tinham recebido. Foi no Porto que Nun'Álvares e D. João I se encontraram, para se abraçarem de novo e acordarem na solução de transigência mútua, que restabeleceu a harmonia entre os dois esteios da liberdade portuguesa!

Depois dessa data, Nun'Álvares viveu sempre lá pelo sul, e cá ao norte só vagamente continuaram a chegar as notícias das suas últimas façanhas guerreiras; anos depois soube-se do casamento de sua filha D. Beatriz, com D. Afonso, filho bastardo de D. João I, — casamento que veio a ser o tronco da grande e real Casa de Bragança; soube-se, finalmente, que Nun'Álvares, cumprida a sua missão para com a Pátria, se votara inteiramente a Deus e à Virgem, numa entrega completa, integral da sua vida e da sua alma pura, religiosa e mística.

Deixara de ser o invencível guerreiro *Nuno-Madruga*, das investidas audaciosas e fulminantes contra os castelhanos; era simplesmente, modestamente, humildemente, o Frei Nuno de Santa Maria — do Mosteiro do Carmo, por ele fundado em Lisboa.

Nun'Álvares vivia já envolvido num halo de luz sobrenatural e o povo carinhosamente chamava-lhe o *Santo Condestável!*

A. DE MAGALHÃES BASTO.

Desenhos por Melo Júnior.

O TRIPEIRO e a IMPRENSA

■ De «O Comércio de Leixões» — n.º 2253 — 44.º ano — 17-6 951 — fundado pelo que foi distinto colaborador d-O TRIPEIRO, Santos Leça, e, actualmente, dirigido pelo dr. Fernando Lopes Barradas:

«O Tripeiro — Com a saída do seu número de Maio, entrou esta magnífica revista no seu 7.º ano (da 5.ª série) de existência.

É facto que devemos enaltecer pois que uma publicação deste género, mantendo uma regularidade constante, uma colaboração sempre bem orientada e visando o objectivo para que foi criada, nem sempre tem por parte do público aquele carinho e aquele acolhimento que merece. O TRIPEIRO, mercê da directriz seguida desde o seu início, marcou logo uma posição que lhe veio a dar aquele aprumo, aquela simpatia, aquele desejo de ser lido que, francamente, lhe encontramos.

O Porto, cidade grande e trabalhadora, tem em O TRIPEIRO aquele fiel e constante amigo, sempre pronto a recordar o seu passado, apontando-o aos novos e recordando-o aos velhos.

A O TRIPEIRO, que a figura inconfundível do sr. dr. A. de Magalhães Basto dirige com aprumo, saber e inteligência, desejamos as maiores prosperidades.»

■ João Paulo Freire, querido amigo e colaborador da nossa revista, transcreve nas suas «Várias Notas» do «Jornal de Notícias», em 19 de Julho p. p., as efemérides relativas a 6, 17 e 23 de Abril de 1901, da nossa secção «Aconteceu há 50 anos...», efemérides que dizem respeito às talentosas irmãs Suggia e ao distinto gravador portuense Rodolfo de Araújo e são brilhantemente comentadas pelo consagrado escritor e jornalista.

Igreja de Cabeça Santa — Penafiel

«A quem pertenceu, logo em seguida ao falecimento da rainha D. Mafalda (ocorrido, segundo se diz, em 1290), a administração superior da Igreja? Cremos que ninguém o averiguou ainda. Sabe-se, entretanto, que no século xv a possuíam, como propriedade sua, os bispos do Porto. Um destes, D. João de Azevedo, que governou a diocese desde 1465 até 1495, cedeu-a, cinco anos antes do seu falecimento, à congregação dos Cónegos Seculares de S. João Evangelista (vulgarmente conhecidos pelo nome de frades loios, em razão do manto azul que fazia parte do seu hábito), para a qual havia mandado edificar, no velho burgo portuense, um grande convento situado no lugar então chamado «Fonte da Arca» — lugar que abrangia todo o chão urbano compreendido entre o Largo de S. Bento e o Largo dos Loios, ao sul da moderna Praça da Liberdade (*). Estes religiosos, que se tinham introduzido em Portugal uns 70 anos antes — e precariamente, sem asilo próprio, primeiro em Campanhã, depois em Vilar de Frades — viram então mudar prósperamente o vento da sua fortuna. Com efeito, o bispo D. João de Azevedo não só os havia beneficiado, mandando construir expressamente para eles esse convento e a respectiva igreja (arrasada em 1834), mas ainda timbrara em os dotar com rendimentos que excediam largamente as necessidades da reduzida comunidade. Assim, com a Igreja de S. Salvador da Gandra (a que hoje se chama da Cabeça Santa) doou-lhes ainda outras oito, escolhidas entre as mais rendosas da diocese.»

NOTA:

(*) É todo o espaço hoje ocupado pelo vasto conjunto de prédios de habitação, que o povo ainda agora conhece pelo nome de «casas da Viúva Cardoso».

«Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais», N.º 64. Lisboa, Junho de 1951; pág. 11.